

UMA ANÁLISE DA DITONGAÇÃO CRESCENTE (V#V)

Tarcisio Oliveira Brambila¹

tarcisio553@hotmail.com

RESUMO: O fenômeno de sândi vocálico externo apresenta três realizações possíveis: a elisão, a degeminação e a ditongação. Este trabalho tem como proposta analisar o fenômeno de ditongação como processo de resolução de hiato em fronteira de palavras (*velho exemplo ~ velh[we]zemplo*), baseado na amostra da cidade de Lages, em Santa Catarina, incluída no banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil). O embasamento teórico se apoia em Bisol (1996, 2002 e 2005) para a descrição do processo; em Labov (2008) para os fundamentos da Teoria da Variação; além de teorias fonológicas, como Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel 1986) e Fonologia Lexical (Kiparsky 1982). Os objetivos específicos são os que seguem: a) identificar, em nossa amostra, fatores linguísticos que possam favorecer ou bloquear a aplicação da ditongação crescente como processo de sândi externo; b) corroborar ou não, a partir dos resultados obtidos, resultados de pesquisas já realizadas a respeito deste processo; c) ampliar a compreensão do fenômeno e oferecer subsídios para uma descrição geral do processo do sândi externo e do português falado no sul do Brasil. A análise estatística dos dados foi realizada pelo pacote de programas VARBRUL/GoldvarbX. A amostra, constituída de 16 informantes, mostrou, dentre outros fatores, que a ditongação crescente tem contextos favorecedores próprios que podem diferenciá-la da ditongação decrescente, já que a seleção das variáveis relevantes não foi idêntica para as duas realizações.

PALAVRAS-CHAVE: variação; ditongação crescente; sândi externo.

ABSTRACT: The external vowel sandhi phenomenon presents three possible ways of realization: the elision, the degemination and the diphthongization. This work analyzes the diphthongization phenomenon as a gap resolution process in words boundary (*velho exemplo ~ velh[we]zemplo*) based on the sample of the city of Lages, Santa Catarina, included in the project database VARSUL (Linguistic Variation in Southern Brazil). The theoretical basis is Bisol (1996, 2002 and 2005) for the description of the process; Labov (2008) for the Variation Theory fundamentals; Prosodic Phonology (Nespor & Vogel 1986) and Lexical Phonology (Kiparsky 1982). The specific objectives are the following: a) to identify, in our sample, linguistic factors that may favor or block the application of the diphthongization; b) from the results obtained, to prove or disprove results of previous studies regarding this process; c) to increase the understanding of the phenomenon and provide support for a general description of the process of external sandhi and Portuguese spoken in southern Brazil. Statistical analysis of data was performed by VARBRUL / GoldvarbX software. The sample consisted of 16 informants showed that rising diphthongization and decreased diphthongization have different favorable contexts related to *stress* and *vowel category*, and they have similar favorable contexts in same variables.

KEYWORDS: variation; diphthongization; external sandhi.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

INTRODUÇÃO

Pressupondo que a língua portuguesa tende a evitar contexto de vogais em fronteira de palavras (V#V) por meio do processo de sândi vocálico, o artigo propõe uma análise de dados de língua falada para verificar a relação entre a ditongação crescente nesse contexto e os fatores linguísticos e sociais envolvidos na resolução de hiato no português brasileiro.

O fenômeno de sândi vocálico implica encontro de vogais e reestruturação silábica. Ele pode ser interno ou externo à palavra: álcool ~ álc[o]l (sândi vocálico interno); menina agora ~ menin[a]gora (sândi vocálico externo).

O foco de nosso trabalho é o sândi vocálico externo, que pode ser realizado de três formas: elisão, degeminação ou ditongação (Bisol 1996: 2002). Para uma pesquisa geral², delimitamos a análise àqueles contextos V#V em que se espera a ocorrência da ditongação. Seguem exemplos: muito igual ~ muit[wi]gual (ditongação crescente); na estrada ~ n[aj]strada (ditongação decrescente).

Os dados foram obtidos por meio do banco de dados VARSUL (Variação Linguística da Região Sul do Brasil), da amostra de Lages/Santa Catarina. O critério para delimitação da amostra se deu pelo fato de ser uma das localidades que ainda não tinha sido objeto de pesquisas anteriores sobre os fenômenos de sândi, além de haver trabalhos relativos a outros processos de sândi externo sendo desenvolvidos com os mesmos informantes dessa localidade.

Nossa análise segue de perto outras análises feitas sobre o processo de ditongação (Bisol 1996, Ludwig-Gayer 2008, Vianna 2009), no sentido de permitir comparações. Por outro lado, divergimos dessas análises anteriores, pois separamos o processo de ditongação e analisamos em separado os dados que apresentam realização de ditongo crescente dos de realização de ditongo decrescente. Isso por que os processos são diferentes, tanto do ponto de vista dos potenciais alvos de aplicação como do resultado. Principalmente, os processos também são fonologicamente distintos, como argumentamos abaixo. Neste artigo, analisamos em maior profundidade a ditongação crescente.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

² Referimos a Brambila (2015) para a análise da ditongação crescente.

O embasamento teórico se apoia em Bisol (1996, 2002 e 2005) para a descrição do processo. Antes de apresentar a análise da autora, alguns pressupostos devem ser colocados. A concepção de sílaba adotada neste artigo é a de constituinte fonológico com estrutura interna. Assim, a sílaba compreende um ataque (A) e uma rima (R), sendo que esta, por sua vez, compreende um núcleo (Nu), único elemento obrigatório, e uma coda (Co).

O processo de silabação é responsável por organizar a sequência dos segmentos em sílabas. Segundo a análise de Bisol (1999), há regras que compreendem essa organização: primeiro, há uma regra de formação do núcleo, seguida pela regra de criação do ataque, e, por fim, pela regra de criação da coda. Assim, há um ordenamento dessas regras que resulta na estrutura final da sílaba.

Em relação aos glides e seu lugar na estrutura silábica, assumimos que os ditongos crescentes apresentam um ataque complexo: quando eu > quand[we]u – **dw** constitui um ataque complexo e **e** o núcleo. Já os ditongos decrescentes apresentam coda complexa: na estrada > n[aj]strada – [a] constitui o núcleo e [j] a coda complexa com [s]³.

Além disso, é importante referir aos conceitos de Hierarquia Prosódica e de constituinte prosódicos, conforme Bisol (2005). Os constituintes são unidades definidas prosodicamente que delimitam espaços ou domínios dentro dos quais os processos fonológicos podem operar. Há constituintes maiores e constituintes menores. Os constituintes menores se encaixam dentro dos maiores. Os constituintes prosódicos se hierarquizam como segue, do maior para o menor:

Enunciado (U)
Frase entonacional (I)
Frase fonológica (ϕ)
Grupo clítico (C)
Palavra fonológica (ω)
Pé (Σ)
Sílaba (σ)

A noção de Hierarquia Prosódica se completa com a de Licenciamento Prosódico, que postula que uma unidade prosódica sempre deve fazer parte de outras

³ Esta abordagem assumida em nosso trabalho não é a única possibilidade, já que alguns teóricos assumem que os glides podem estar ligados diretamente à vogal, constituindo, junto a ela, o núcleo. Para Câmara Jr. (1970), por exemplo, a semivogal ocupa, com a vogal, o núcleo da sílaba.

estruturas prosódicas que sejam superiores hierarquicamente a ela. Assim, por exemplo, em uma relação **segmento – sílaba – pé**, os segmentos devem estar associados a uma sílaba, assim como ela deve estar associada a um pé, ou seja, não ficam unidades soltas na representação fonológica.

Ao lado das noções relativas à sílaba, é importante considerar também alguns pressupostos que subjazem aos trabalhos que servem de fundamento para o nosso, no que se refere à organização do componente fonológico. O modelo da Fonologia Lexical (Kiparsky 1982) concebe o componente como dividido em dois subcomponentes principais. O Léxico abriga todas as regras do nível da palavra e as organiza em estratos (níveis) hierarquizados. A parte pós-lexical não está ligada à formação de palavras, mas ela é acionada depois de as palavras estarem completamente formadas e postas em sentenças. A parte lexical apresenta regras morfológicas que constroem a estrutura da palavra no léxico e ativam regras fonológicas relacionadas, como as regras de silabificação e de acento.

Para Bisol (1999), o processo de silabação ocorre no nível lexical, no qual as palavras são formadas, e segue os fundamentos explicitados acima. No processo derivacional, cada acréscimo de um morfema desencadeia um novo processo de silabificação.

Quando temos um processo de ressilabação, por desestruturação de sílaba, ele ocorre pós-lexicalmente, e as condições que regem as regras lexicais não o afetam. Analisando as palavras *menino* e *amado*, no nível lexical, temos a silabação: **me.ni.no** e **a.ma.do**. A adjacência das palavras em uma frase pode resultar na formação de hiato, no nível pós-lexical. Para evitar esse hiato, ocorre a mudança de uma estrutura silábica para uma nova estrutura no nível da frase, com a constituição de uma nova sílaba a partir de duas, resultando no processo (variável) de ditongação: **me.ni.nwa.ma.do**.

2. SÂNDI EXTERNO: DITONGAÇÃO CRESCENTE (V#V)

Bisol (2002: 231) define o sândi vocálico externo como “um processo de ressilabificação motivado pelo choque de núcleos silábicos de palavras diferentes”. O sândi externo, então, envolve o choque nuclear que desestrutura a sílaba e resulta em elementos flutuantes, que se ressilabificam por processos de degeminação (fusão de

vogais idênticas), elisão (apagamento de /a/ como V1) e ditongação (formação de glide).

O processo de ditongação forma ditongos a partir da vogal final de um vocábulo e da vogal inicial do outro. Nesse caso, nenhum segmento é apagado, diferente do que acontece com a elisão e com a degeminação. A ditongação resultante pode ser crescente (**menin[wi]studioso**) ou decrescente (**menin[aj]sperta**). Bisol (2002: 235) observa que, na ditongação, observa-se o papel da sonoridade. Quando na sequência V₁#V₂, uma das vogais é mais sonora que a outra, em geral, é essa vogal que persiste e a outra é transformada em glide.

Muitas vezes, há contextos tanto para elisão quanto para ditongação decrescente, como segue (Bisol 1996: 62): *menína orgulhósa* > meni[nor]gulhosa (elisão); *menína humilde* > meni[nu]milde – meni[naw]milde (elisão ou ditongação).

A ditongação pode ocorrer também no interior de palavras, diferente da elisão, como segue (Collischonn 2005: 127): *ciumento* > c[ju]mento ~ c[iw]mento; *peruano* > per[wa]no.

A ditongação ocorre desde que atenda aos seguintes fatores: pelo menos uma vogal do choque nuclear deve ser alta (restrição segmental)⁴; e pelo menos uma das vogais deve ser átona, independentemente da posição da sílaba (restrição rítmica). Seguem exemplos (Bisol 1996: 62) (o símbolo ‘’ indica vogal em sílaba acentuada):

vérde amarélo	ver[dja]marelo	(átona+átona)
está estránho	es[tais]tranho	(tônica+átona)
cóme óstra	co[mjos]tra	(átona+tônica)
reví isso	*revjisu *revijsu	(tônica+tônica)

No primeiro caso, ambas vogais são átonas e o choque nuclear faz desaparecer a primeira sílaba. Nos dois casos seguintes, pelo menos uma das vogais é átona e pelo menos uma é acentuada, o que provoca o glide ou semivogal. Como o último caso não apresenta vogal alta, átona, a ditongação é bloqueada.

A seguir, temos uma representação da ditongação em *verde amarelo*:

⁴ Ou uma vogal média não-acentuada, que pode tornar-se alta.

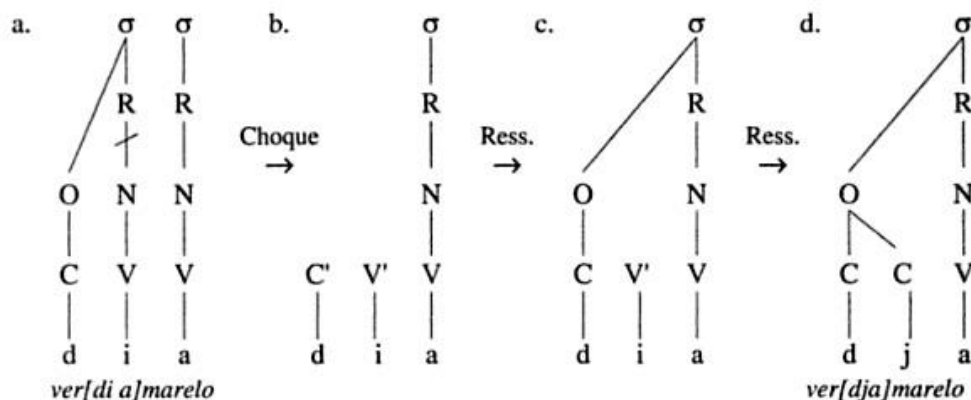


Figura 1: Ditongação. Fonte: Bisol (2002: 234)

No processo de ditongação, temos o encontro entre as vogais (a). O choque entre dois núcleos provoca a desestruturação da sílaba da esquerda e resulta em elementos flutuantes (b). O processo de ressilabificação une a consoante ao ataque (ou *onset* (O)) da sílaba formada (c), além de unir a esse *onset* a vogal – que antes era núcleo do segmento silábico desestruturado – a qual não é apagada (d), mas se torna glide.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E METODOLOGIA DE ANÁLISE

O fenômeno de sândi vocálico externo é variável, ou seja, sua aplicação é opcional, não categórica. Assim, na frase fonológica **último aluno**, por exemplo, podemos ter a realização com hiato ou com ditongo: último aluno ~ últim[wa]luno.

Por ser um fenômeno variável, aplica-se, neste caso, uma análise estatística das taxas de aplicação desse fenômeno nos mais diferentes contextos. Seguindo o exemplo de outros trabalhos que pesquisaram o fenômeno no português brasileiro, utilizaremos o modelo quantitativo de regra variável de Labov (2008 [1972]). Para tanto, os dados são obtidos de entrevistas sociolinguísticas, em que o informante é estimulado a falar bastante livremente, de forma a que se possa observar o emprego do vernáculo. Para a análise dos fenômenos, são identificados os contextos em que eles potencialmente se realizam, chamados de “ocorrências” (tokens):

eles se apresentam (grupo clítico *se apresentam*)
 filho ilustre de Lages (frase fonológica *filho ilustre*)
 por último ela estava (enunciado *último ela*)
 frei Rogério inclusive (enunciado *Rogério inclusive*)

Nos dados acima, V1 tem potencial para ser alta e pelo menos uma das vogais envolvidas no processo é átona. Esses fatores permitem que a ditongação seja uma variante realizada no lugar da manutenção do hiato.

Cada ocorrência é analisada em termos de aplicação/não aplicação do processo. Além disso, são identificados os fatores que podem propiciar o processo ou detê-lo:

último ela – aplicação: últim[we]la
Rogério inclusive – não aplicação/manutenção do hiato

Os dois casos tiveram comportamentos diferentes. A análise detalhada busca verificar que fatores podem favorecer a aplicação da ditongação no primeiro caso. Dentre algumas hipóteses, podemos elencar **categoria das vogais envolvidas, contexto precedente e acento**, por exemplo – fatores que diferem nos contextos acima.

Além dos fatores contextuais linguísticos, cada ocorrência é também analisada segundo os fatores extralinguísticos, relativos às características sociais dos informantes: idade, escolaridade, sexo.

3. REVISÃO DA LITERATURA: PESQUISAS RELACIONADAS

Há diversos trabalhos envolvendo o fenômeno de sândi vocálico no português brasileiro (Bisol 2002, Collischonn 2012, Tenani 2004, entre outros). Delimitamos nossa retomada a apenas três, por tratarem da ditongação: Bisol (1996), Ludwig-Gayer (2008) e Vianna (2009). Essas pesquisas foram importantes para a elaboração de nossa metodologia, especialmente no que se refere à escolha de nossas variáveis, e possibilitam comparação com os resultados obtidos.

Bisol (1996) utiliza o banco de dados do projeto NURC (Norma Urbana Culta) para analisar estatisticamente o fenômeno de sândi vocálico externo. Os 15 informantes selecionados foram organizados da seguinte forma: 3 de Porto Alegre (POA), 3 de São Paulo (SP), 3 do Rio de Janeiro (RJ), 3 de Salvador (SSA) e 3 de Recife (RE). Em relação à ditongação, a autora obteve os seguintes resultados por variável selecionada:

- *Categoria das vogais*: V1 alta / V2 não-alta (*pared[i] alta*) / V altas diferentes (*cas[u] [i]stranho*) favorecem a ditongação. V baixa + V alta (*casa usada* – propício para elisão) / V altas idênticas (*verd[i] [i]scuro* – propício para degeminação) a desfavorecem. Bisol infere o seguinte: “é uma regra que tende a ser bastante usada, perdendo em valor de uso somente nos contextos competitivos, onde a elisão ou a degeminação também se apresentam como candidatos” (1996: 85).
- *Domínio prosódico*: a ditongação é mais favorecida na frase do que em domínios maiores. Bisol argumenta que o enunciado “oferece menos contextos apropriados, provavelmente devido à pausa ou duração interceptoras, que aí se fazem mais frequentes” (1994: 86).
- *Extensão do vocábulo*: grupos clíticos com somente uma vogal tendem a ser preservados (*a esquina*). Vocábulos de qualquer extensão estão mais disponíveis ao processo.
- *Acento*: quando uma vogal da sequência é tônica, o processo é desfavorecido, independentemente de sua posição. Quando as duas vogais são átonas, temos relativamente maior favorecimento.

Finalizando, Bisol (1996: 94) destaca os seguintes aspectos para análise dos processos de sândi vocálico externo:

- 1 a atonicidade das duas vogais é o contexto ideal para o sândi externo.
- 2 o sândi faz rejeição ao acento da segunda vogal, exceto quando a ressilabação fica garantida pela presença na sequência VV de uma vogal alta sem acento.
- 3 o sândi ocorre com mais frequência no domínio frasal do que no domínio do Enunciado.
- 4 o uso maior ou menor do sândi permite estabelecer diferenças dialetais.
- 5 estilos mais controlados exibem-no com menos frequência do que estilos descontraídos.

Ludwig-Gayer (2008) realizou uma análise variacionista da elisão, da degeminação e da ditongação, separadamente, na cidade de São Borja/RS, contando com 8 informantes do banco de dados VARSUL. Na análise da ditongação, houve 772 ocorrências, com 676 casos de não-aplicação (87%) e 96 casos de aplicação (12%). O programa selecionou, para análise, as seguintes variáveis: *extensão do vocábulo*, *acento*, *categoria das vogais – posterioridade*, *domínio prosódico*, *sexo* e *escolaridade*. Seguem os resultados por variável:

- *Extensão do vocábulo*: V + V e V + qualquer extensão favorecem a ditongação.
- *Acento*: V tônica + V átona, V átona + V tônica nuclear e vogais tônicas favorecem o processo. Os contextos V átona + V átona e V átona + V tônica não-nuclear não o favorecem.
- *Categoria das vogais: posterioridade*: V frontal + V central favorece a ditongação, em relação aos demais contextos (V frontal + V posterior e V posterior + V frontal, e V posterior + V central).
- *Domínio prosódico*: o grupo clítico é favorecedor na aplicação, seguido da frase fonológica, e o enunciado é desfavorecedor.
- *Sexo*: feminino é favorecedor em relação do masculino.
- *Escolaridade*: escolaridade primária favorece mais que secundária.

Em uma segunda rodada, o programa selecionou ainda *distância entre os acentos, combinação de palavras e informante*:

- *Distância entre acentos*: a distância de uma sílaba favorece mais do que os outros contextos (distância de duas sílabas, acentos adjacentes e distância de mais de duas sílabas).
- *Combinação de palavras*: a combinação de palavra funcional + palavra não-funcional favorece mais que a ordem inversa.
- *Informante*: há diferenças entre os indivíduos analisados.

Ludwig-Gayer (2008), ao contrastar seus resultados da ditongação com os dos outros processos de sândi, constatou que a elisão e a degeminação, por terem comportamentos semelhantes, comporiam um processo distinto da ditongação, cuja aplicação seria uma espécie de default quando nenhum dos outros dois processos se aplica.

Vianna (2009) pesquisou a aplicação/não-aplicação dos três processos de sândi externo na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, por meio do banco de dados VARSUL. Sua amostra contou com dezesseis informantes representativos e estratificados em sexo, escolaridade (ensino médio e fundamental) e idade (com mais ou com menos de cinquenta anos).

A ditongação apresentou 2.165 ocorrências, com 725 aplicações (33%). O programa selecionou as seguintes variáveis: *categoria das vogais – altura*, *categoria das vogais – posterioridade*, *extensão dos vocábulos* e *acento*. As variáveis extralinguísticas selecionadas foram *idade* e *informante*. Seguem os resultados por variável selecionada:

- *Categoria das vogais: altura*: quando a primeira vogal é alta, há favorecimento na aplicação da ditongação em relação a contextos com a primeira vogal não-alta.
- *Extensão dos vocábulos*: a combinação de monomorfema com palavra de qualquer extensão é favorecedora da aplicação da ditongação, enquanto a combinação de palavras de qualquer extensão é neutra, e a combinação de palavra de qualquer extensão com monomorfema é desfavorecedora.
- *Acento*: contextos não acentuados favorecem a aplicação; contextos com acento primário são neutros; e contextos com acento principal o desfavorecem.
- *Categoria das vogais: posterioridade*: houve a seguinte ordem de favorecimento: *V frontal + V posterior*, *V frontal + V central*, *V posterior + V frontal*; e, relativamente, a seguinte ordem desfavorecimento: *V posterior + V central*, *V frontal + V frontal* e *V posterior + V posterior*.
- *Idade*: os informantes abaixo de cinquenta anos favorecem a aplicação em relação aos acima dessa idade.
- *Informante*: esta variável teve relevância.

A última análise feita pela autora envolveu contextos de ditongação e elisão. Por fim, Vianna (2009: 109) conclui que

a aplicação da elisão é favorecida quando temos o fator *qualquer extensão dos vocábulos* (apaga incêndio), em contextos de *atonicidade máxima* (na igreja), *grupo clítico* (soltava o), e *vogal posterior* na categoria da segunda vogal (tinha uma). A degeminação, por sua vez, apresenta maior aplicação quando temos os fatores *monomorfema + palavra* (a alimentação), contexto de *atonicidade máxima* (uma amiga), *frase fonológica* (minha avó quer) e *vogais posteriores iguais* (então o). Já a ditongação é favorecida pelos fatores *vogal alta + vogal não-alta* (nasci aqui) e *vogal alta + vogal alta* (abri um), *monomorfema + palavra* (o aterro), contextos de *atonicidade máxima* (o idoso) e *vogal frontal + vogal posterior* (vi um).

Detemo-nos nesses trabalhos já realizados que têm relevância para nossa pesquisa. Retomamos no quadro expositivo abaixo as análises já realizadas e os principais fatores que favorecem a aplicação, de acordo com cada trabalho:⁵.

Fatores	Ludwig-Gayer (2008)	Vianna (2009)	Bisol (1996)
Ocorrência	772 dados com 96 aplicações (12%)	2.165 dados com 725 aplicações (33%)	3.032 dados com 1.776 aplicações (59%)
Amostra	São Borja / VARSUL	Florianópolis / VARSUL	Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador / NURC
Quantidade de informantes	8	16	15
Extensão dos Vocábulo	V + V	Monomorfema + qualquer extensão	Qualquer extensão + qualquer extensão
Acento	V tônica + V átona	Atonicidade máxima	Atonicidade máxima
Categoria das vogais – posterioridade	V frontal + V central	V frontal + V posterior	-
Domínio Prosódico	Grupo clítico	-	Frase Fonológica
Distância entre acentos	1 sílaba	-	-
Combinação de Palavras	Funcional + não-funcional	-	-
Categoria das vogais – altura	-	V1 alta	V1 alta

Quadro 1: Comparação de trabalhos envolvendo sândi.

Essas informações, bem como todas as apresentadas na revisão da literatura, nortearão a metodologia de nossa pesquisa variacionista. A seguir, então, apresentamos as etapas de nossa pesquisa.

4. Metodologia

⁵ Reunimos, para podermos comparar, os resultados dos fatores que se mostraram mais favorecedores em cada variável. Para isso, desconsideramos algumas diferenças nas análises das três autoras – como, por exemplo, a opção por considerar V tônica nuclear e não-nuclear na variável *acento*.

A metodologia de pesquisa empregada neste trabalho baseou-se na Teoria da Variação. Realizamos uma análise binária de aplicação e não-aplicação da ditongação crescente em contexto V#V. Com isso, podemos analisar frequência de dados e fatores condicionantes (favorecedores ou não) para sua aplicação.

Cabe justificar aqui o porquê de fazermos a análise em separado da ditongação crescente. A seguir mostramos que ditongação crescente e decrescente são fonologicamente diferentes. Segundo Bisol (1999) e Mateus e d'Andrade (2000), a formação de ditongos crescentes é um processo pós-lexical. Diversamente, a formação de ditongos decrescentes pode ocorrer tanto na fonologia lexical quanto na pós-lexical. Vigário (2003: 101) observa que, no português europeu, a ditongação decrescente não ocorre através de fronteiras de palavras (ex. *cas[aw]milde, *cas[uj]solado).⁶ Embora essa afirmação não seja válida para o português brasileiro, o fato de que há essa diferença no português europeu reforça a ideia de que os processos são distintos.

Outros motivos para uma análise em separado são os seguintes: (a) a ditongação decrescente compete com a elisão, por exemplo, em meni[nu]milde – meni[naw]milde, ao passo que a ditongação crescente não; (b) a ditongação decrescente não se aplica em contextos em que V2 é acentuada, ao passo que a ditongação crescente não se aplica em contextos em que V1 é acentuada. Esses são argumentos de que se tratam de processos distintos não somente no resultado, mas também no alvo de aplicação. A análise conjunta dos dois processos (como foi realizada nos trabalhos anteriores) fatalmente encobre fatores que têm papel diferente nos dois processos.

É de se esperar que a ditongação crescente seja mais frequente do que a decrescente através de fronteira de palavra. Isto porque vogais em final de palavra são mais débeis do que vogais em início de palavra. Como a formação de glide é um processo de lenição, espera-se que a vogal reduzida a glide seja a mais fraca da sequência.

Para verificarmos a possível relevância de fatores sociais na ditongação, selecionamos as variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade*, conforme estratificação de nossa amostra:

⁶ Vigário (2003, p. 100-101) também observa que a semivocalização de V2 só ocorre em final de palavra e se V2 for uma vogal arredondada (ex. *tio* [tiw], mas não *soe* *[soj]). A autora justifica que o processo é pós-lexical, pois é geral, tem aplicação opcional e pode afetar os pronomes enclíticos, os quais, segundo a análise da autora, só são incorporados à palavra prosódica no nível pós-lexical.

Sexo	Idade	Escolaridade
Masculino	Acima de 50 anos	Primário
Feminino	Abaixo de 50 anos	Secundário

Quadro 2: Estratificação dos informantes por fatores sociais.

Nossa primeira hipótese envolve tonicidade, então a primeira variável independente linguística que apresentamos é o *acento*. Essa variável está explicitada em Bisol (2002), Bisol (1996), Vianna (2009). Por isso, nos mesmos moldes desses trabalhos, analisamos os seguintes fatores: V tônica + V átona (daí a); V átona + V tônica (mundo era); V átona + V átona (isso aí); V tônica + V tônica (daí uma).

Além desta variável, apresentamos também a variável *domínio prosódico*. Justificamos a escolha em função da afirmação “o sândi ocorre com mais frequência no domínio frasal do que no domínio do Enunciado” (Bisol 1996: 94). Para verificar se a ditongação, em nossa amostra, comporta-se da mesma maneira, analisamos os seguintes fatores: Grupo Clítico (de hoje); Frase fonológica (cinco irmãos); Entre frases fonológicas/enunciado (tempo era).

Outra variável que destacamos é extensão do vocábulo. Já que Bisol (1996 e 2002) apresenta o tamanho do vocábulo como condicionante de alguns processos, verificamos se a ditongação também pode ser afetada por essa característica. Para isso, analisamos os seguintes fatores: (C)V + V(C) (e a) monossílabos; (C)V + qualquer extensão⁷ (de hoje); Qualquer extensão + V(C) (teve um); Qualquer extensão + qualquer extensão (quando eles).

A *distância entre acentos* foi controlada por Ludwig-Gayer (2008), então analisamos os seguintes fatores para verificar sua relevância em nosso fenômeno de estudo: Acentos adjacentes (aqui era); 1 sílaba (tinha uma); 2 sílabas (isso aí); + de 2 sílabas (quando amanheceu).

Além destas variáveis, Ludwig-Gayer (2008), Vianna (2009) e Bisol (1996) controlaram a categoria das vogais envolvidas no processo. Nos mesmos moldes, analisamos também a altura e a posterioridade, conforme segue:

Altura

Alta + alta (diferentes) (tu imaginas)

Alta + não-alta (tu achas, tu escreves, tu es)

e/ ou /o/ finais + alta (gente usa)

/e/ ou /o/ finais + não-alta (que e)

⁷ Refere-se a uma palavra polissílaba.

Ponto da vogal⁸

coronal + labial (aqui unem)
coronal + dorsal (aqui assim)
coronal + coronal (aqui era)
labial + labial (quando utaliza)
labial + coronal (tu imaginas)
labial + dorsal (tu achas)

Analisamos também as variáveis *contexto precedente* e *contexto seguinte*. já que é possível que a existência de uma vogal ou semivogal ou mesmo a existência de uma pausa interfiram de alguma forma na formação de ditongo⁹ .

Contexto Precedente

Vogal (sorrio uma)
Semivogal (meio inteligente)
Consoante (paro aqui)
Vazio (o interior)

Contexto Seguinte

Vogal (ali ainda)
Semivogal (disse oitenta)
Consoante (gente utaliza)
Vazio (quando a)

Ludwig-Gayer (2008), baseada em trabalhos envolvendo o catalão, controlou a variável *combinação de palavras*, que se refere ao tipo de palavra, se funcional ou lexical. Para poder verificar sua influência em nossa amostra e comparar com seus resultados, analisamos os seguintes contextos: Funcional + funcional (que esse); Funcional + não-funcional (ele era); Não-funcional + funcional (dançando e); Não-funcional + não-funcional (disse adeus).

Por fim, a última variável cuja influência pretendemos verificar se baseia em Collischonn (2012), que estudou a *estrutura silábica de V2* na elisão. Para testar essa variável na ditongação, analisamos os seguintes fatores: Sílabas leves (quando amanheceu); Sílabas pesadas (meio irmã).

⁸ Consideramos o seguinte: vogais anteriores são “coronal”, vogais posteriores arredondadas são “labial” e a vogal central /a/ é “dorsal”.

⁹ Como se forma um ataque complexo na ditongação crescente, é possível que o tipo de consoante precedente (classificado por ponto de C e/ou sonoridade) tenha papel. Essa análise ainda não foi feita. Pretendemos realizar uma reanálise em que esse aspecto seja verificado. Quanto à consoante seguinte a V2, não acreditamos que tenha papel no processo de ditongação crescente.

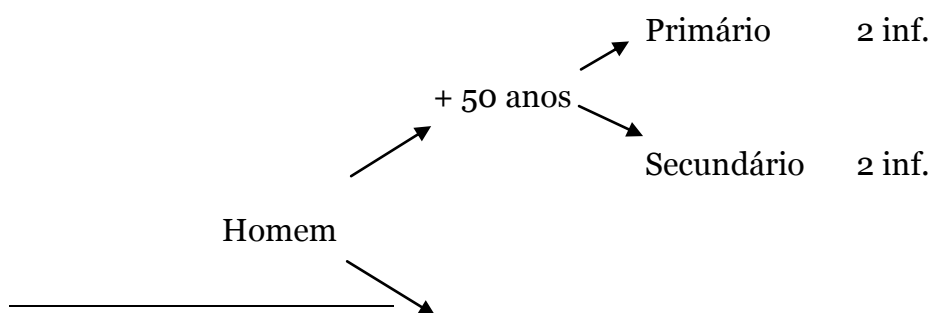
Para a análise estatística dos dados codificados conforme as variáveis acima, utilizamos, entre outros, o aplicativo computacional GoldVarbX, do pacote de programas VARBRUL, adaptado para *Windows*.

Nossa amostra compreende 16 informantes da cidade de Lages/Santa Catarina extraídos do conjunto de 24 entrevistas dessa localidade do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil).

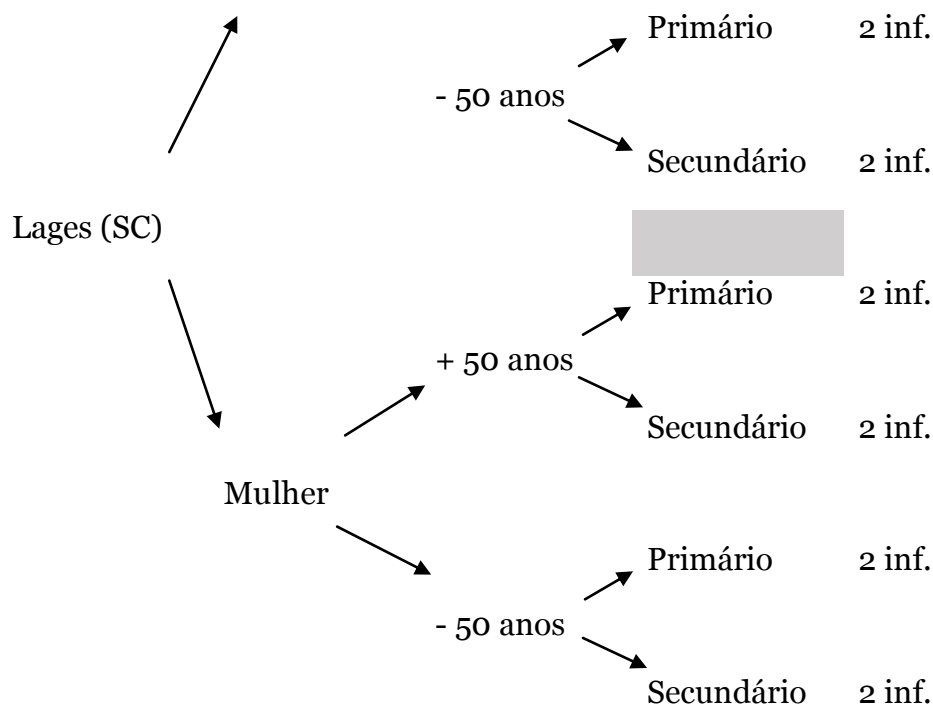
Lages¹⁰ é o maior município em extensão territorial do estado de Santa Catarina, e é conhecido nacionalmente como a Capital do Turismo Rural e a Terra da Festa do Pinhão. Localizado no planalto serrano de Santa Catarina, fica situado a 405Km de Florianópolis. A população inicial foi formada em consequência do comércio de tropas que vinham do campo de Vacaria (RS) até São Paulo e Minas, passando pelos campos de Lages. À época da realização das entrevistas, as principais atividades econômicas da região eram a agropecuária e a indústria madeireira.

Das entrevistas que tivemos a oportunidade de ouvir, percebemos que os informantes sofrem influência da cultura gaúcha, já que eles participam de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), participam de rodas de chimarrão e de bailes com estilo gaúcho. Muitos citam a Festa do Pinhão como um grande evento da cidade. Além disso, a maioria participa ativamente de grupos religiosos. Essas informações ganham a importância quando analisamos os contatos sociais nesses lugares de encontro (CTG, igreja, roda de chimarrão, baile).

Desta população serrana, utilizamos 16 informantes estratificados conforme o seguinte quadro:



¹⁰ Conforme o site da Prefeitura de Lages (Disponível em: <<http://www.lages.sc.gov.br/>>. Acesso em 13 nov. 2016).



Quadro 3: Estratificação dos informantes.

5. Resultados e considerações

Obtivemos 2.419 dados, distribuídos da seguinte forma: 1.761 aplicações da ditongação crescente (72,8%) e 658 contextos de não-aplicação do processo (27,2%).¹¹ O programa VARBRUL/GoldVarbX selecionou as três variáveis extralinguísticas elencadas e as seguintes variáveis linguísticas: *acento*, *domínio prosódico*, *categoria das vogais* (altura e ponto), *contexto precedente* e *contexto seguinte*, *combinação de palavras*, *peso silábico de V2* e *combinação de palavras*.

Iniciamos, então, com a apresentação dos resultados para a variável *acento*:

Acento	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
V átona + V átona (<i>bastante atividades</i>)	1.137/1361	83.5	0,667
V átona + V tônica (<i>quando eu</i>)	571/920	62.1	0,321
V tônica + V átona	23/61	37.7	0,144

¹¹ Para contornar problemas de não ortogonalidade de determinados fatores, realizamos duas rodadas: a primeira considerando todas as variáveis exceto *distância entre acentos* e *combinação de palavras*; e a segunda considerando todas as variáveis exceto *acento* e *extensão do vocábulo*.

(<i>daqui a</i>)			
V tônica + V tônica (<i>aqui é</i>)	30/77	39	0,128
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.755
Significance = 0.008

Tabela de resultados 1: *acento* e ditongação crescente.

A atonicidade máxima mostra-se o contexto ideal para a aplicação do processo. Esse contexto é o único que favorece a regra. A ditongação crescente é bem desfavorecida quando a vogal da primeira palavra for tônica, um resultado esperado em vista do papel do acento. Interessante observar que a ditongação crescente também não é favorecida quando a vogal da segunda palavra for tônica, como se a presença do acento funcionasse como preservadora da estrutura silábica lexical da palavra. O resultado corrobora o que foi observado por Bisol (1996).

A seguir, apresentamos a variável *domínio prosódico*:

Domínio prosódico	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Frase fonológica (<i>passeando aqui</i>)	1.117/1.484	75,3	0,532
Enunciado (<i>componho aquela</i>)	331/490	67,6	0,513
Grupo clítico (<i>se apartava</i>)	313/445	70,3	0,381
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763
Significance = 0.027

Tabela de resultados 2: *domínio prosódico* e ditongação crescente.

Nossos resultados mostram que o grupo clítico é desfavorecedor do processo, enquanto os domínios maiores, de frase fonológica e de enunciado, se mostram neutros. Em outros trabalhos sobre o sândi, por exemplo, na análise da elisão em Bisol (2002: 243) e em Ludwig-Gayer (2008) também se observou esse papel desfavorecedor do grupo clítico. Segundo Hayes (1989), a Hierarquia Prosódica prevê que as fronteiras entre constituintes prosódicos menores sejam mais maleáveis, que permitam a aplicação de mais processos, do que as fronteiras entre constituintes maiores. Nas palavras do autor (p. 204), “rules applying across a given boundary necessarily apply across all weaker boundaries”. O nosso resultado contradiz essa premissa.

Podemos postular uma hipótese explicativa alternativa, baseada em análise de Simioni (2008) sobre a formação de ditongos crescentes internamente à palavra. Segundo a autora, “os contextos mais desfavorecedores da realização com ditongo, (...) são aqueles em que a sequência de vogais encontra-se no início da palavra”. Para dar conta da observação, Simioni (2008), refere a Cabré e Prieto (2004), que constata o mesmo em catalão e que atribuem a explicação ao fato de que é a grande proeminência da posição de início de palavra que impede a formação de glide neste contexto. Se considerarmos que o clítico é prosodizado junto com seu hospedeiro, isto é, que formam uma unidade prosódica, a aplicação menor pode residir no fato de que esses ditongos, na maioria dos casos, se encontrariam no início dessa unidade.¹²

A próxima variável abordada é *categoria das vogais – altura*:

Categoria das vogais – altura	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
/e/ ou /o/ finais + V não-alta (<i>chegando agora</i>)	1.636/2.148	76,2	0,539
/e/ ou /o/ finais + V alta (<i>muito incômodo</i>)	115/189	60,8	0,421
V alta ¹³ + V não-alta (<i>aqui era</i>)	10/82	12,2	0,032
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763

Significance = 0.027

Tabela de resultados 3: *categoria das vogais – altura* e ditongação crescente¹⁴

A ditongação crescente é favorecida quando outra regra entra em jogo: a elevação das vogais átonas finais /e/ ou /o/, como mostra o exemplo *chegand[wa]gora*. Quando essas vogais são seguidas de vogais não-altas, há maior favorecimento do que quando elas são seguidas de vogais altas. O contexto iniciado por vogal alta se mostra inibidor do processo (0,032), como mostram os poucos exemplos de nossa análise: *aqui era, daqui a, ali eu* etc.¹⁵

A seguir, apresentamos a variável *categoria das vogais – ponto de vogal*:

Categoria das vogais – ponto de V	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
--	------------------------	-----------------------	----------------------

¹² Não pretendemos discutir aqui que unidade é esta, se grupo clítico ou palavra máxima.

¹³ As ocorrências apenas contêm vogal alta coronal /a/.

¹⁴ O fator *V alta + V alta* foi retirado da análise devido a *knockout* por falta de aplicação (*ouvi uma, daí uma*, entre outros dados).

¹⁵ Na análise, consideramos as vogais altas subjacentes apenas as que são grafadas com ‘i’, que, via de regra, são acentuadas. Esse fato leva a crer que a baixa aplicação seja motivada pelo acento na vogal e não por sua altura.

V labial + V dorsal (<i>vidrinho assim</i>)	580/710	81,7	0,577
V labial + V coronal (<i>Contestado eles</i>)	513/667	76,9	0,545
V coronais (<i>gente era</i>)	192/289	66,4	0,502
V coronal + V dorsal (<i>de açúcar</i>)	367/532	69	0,441
V coronal + V labial (<i>teve uma</i>)	85/163	52,1	0,300
V labiais (<i>no hospital</i>)	24/58	41,4	0,205
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.741

Significance = 0.028

Tabela de resultados 4: categoria das vogais – ponto de vogal e ditongação crescente.

O contexto ideal para a aplicação da ditongação crescente é *V labial + V* (dorsal/coronal), como mostram os exemplos *vidrinh[wa]ssim* e *Contestad[we]les*. O que se observa é que, em geral, a formação de ditongo crescente parece ser mais favorecida se V1 for labial. Por outro lado, quando tanto V1 quanto V2 forem labiais, a ditongação crescente é pouco favorecida, o que provavelmente se explique porque há outro processo, a degeminação que tem aplicação preferida neste contexto. Curiosamente, outro contexto em que a degeminação também teria aplicação, o contexto em que tanto V1 quanto V2 são coronais, tem um comportamento bem distinto, tanto em porcentagem quanto em peso relativo. Nesse segundo caso, não se observa o desfavorecimento visto no primeiro.

Apresentamos, agora, a variável *contexto precedente*:

Contexto precedente	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Consoante (<i>assistindo ali</i>)	1.683/2.300	73,2	0,508
Vazio (<i>o individualismo</i>)	32/56	57,1	0,390
Semivogal (<i>colégio ali</i>)	46/63	73	0,310
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763

Significance = 0.027

Tabela de resultados 5: contexto precedente e ditongação crescente.

Lembramos que não houve nenhum dado com contexto *VV#V*. Para a ditongação crescente, o contexto precedido por consoante se mostra neutro (0,508), mas o contexto vazio se mostra desfavorecedor do processo (0,390). Simioni (2005) estuda a alternância entre hiato e ditongo em sequência de vogais no interior de palavras. A autora verificou que, em PB, ditongos em início de palavras não ocorrem (como em *piada : pi.a.da*). Ainda especifica que em contexto precedente vazio não há evidências de ocorrência. Seus resultados estão de acordo com os nossos (para o contexto acima da palavra fonológica). Mais desfavorecedor ainda é o contexto

precedido por semivogal (0,310). Pode-se considerar que este último resultado era esperado. Numa sequência fonológica como *colégio ali*, se temos um ditongo crescente na última sílaba da primeira palavra, [ʒjɔ], caso a vogal final se transforme em glide, teríamos dois glides em sequência no ataque da sílaba resultante, um resultado não previsto teoricamente e que parece não ser possível.

A nossa próxima variável é *contexto seguinte*:

Contexto seguinte	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Vogal (<i>se ainda</i>)	94/103	91,3	0,722
Semivogal (<i>quando eu</i>)	109/156	69,9	0,621
Vazio (<i>fazendo a</i>)	289/379	76,3	0,540
Consoante (<i>dentro aqui</i>)	1.269/1.781	71,3	0,464
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763

Significance = 0.027

Tabela de resultados 6: *contexto seguinte* e ditongação crescente.

Embora a variável tenha sido selecionada, vemos, com base na tabela, que não há nenhum fator que desfavoreça muito ou iniba a aplicação da ditongação. Pelo contrário, três dos quatro fatores mostram-se favoráveis ao processo: contexto seguido de semivogal, de vogal e de contexto vazio. Quando a consoante entra em jogo, ela tem pouco papel para a aplicação da regra. Afirmamos, portanto, tentativamente, que o contexto seguinte à sequência de vogais não parece exercer papel na sua aplicação. Aqui cabe também fazer observações sobre a estrutura silábica. Esta variável refere-se, na maior parte de seus fatores, à estrutura da sílaba seguinte à sequência silábica formadora do ditongo, excetuando-se o caso em que o contexto seguinte for de semivogal. Assim, seria de se esperar que os demais fatores não tivessem papel, já que, segundo prevê a teoria da sílaba que adotamos aqui, a boa-formação silábica é definida localmente, e não depende das propriedades das sílabas adjacentes.

Para a variável *peso silábico*, tivemos de eliminar o grupo *contexto seguinte*, em outra rodada, para que não houvesse interação. Apresentamos nossos resultados para a variável *peso silábico de V2*:

Peso silábico de V2	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Sílaba leve (<i>ele ajudava</i>)	1.427/1.943	73,4	0,517
Sílaba pesada (<i>o hospital</i>)	334/476	70,2	0,430

Total	1.761/2.419	72,8	
--------------	--------------------	-------------	--

Input 0.755
Significance = 0.030

Tabela de resultados 7: peso silábico de V2 e ditongação crescente.

Ressaltamos que, na estrutura representacional do ditongo crescente adotada aqui, em que a semivogal está no núcleo, é de se esperar que o peso silábico não interfira, já que se refere à coda e não ao ataque silábico. Contrariando as nossas expectativas, o programa selecionou esta variável, que esperávamos ser não significativa. O que se observa é que sílabas sem coda no início do segundo vocábulo, favorecem mais a aplicação do processo do que sílabas com coda. Deixamos, por enquanto, esta constatação, apontando apenas o fato de que não encontra explicação nos pressupostos por nós adotados.

Nossa segunda rodada selecionou, entre outras, as variáveis *distância entre acentos* e *combinação de palavras*, que até aqui não foram analisadas. Iniciamos pela *distância entre acentos*:

Distância entre acentos	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
2 sílabas (<i>feito aposta</i>)	742/873	85	0,644
+ de 2 sílabas (<i>quando amamenta</i>)	474/629	75,4	0,613
Acentos Adjacentes (<i>porque ela</i>)	30/77	39	0,405
1 sílaba (<i>fosse uma</i>)	515/840	61,3	0,283
Total	1.761/2.419	72,8	

Input: 0,762
Significance = 0,044

Tabela de resultados 8: *distância entre acentos* e ditongação crescente.

Quando há grande distância entre acentos (de duas ou mais sílabas), a ditongação crescente encontra seu contexto ideal para ocorrência. Em relação ao fator *acentos adjacentes*, a maior parte dos dados teve a palavra *porque* como vocábulo inicial seguido de algum pronome, como *ele, ela, eu*. Esses encontros não se mostram favorecedores. O que mais desfavorece o processo é aquele contexto com uma sílaba de distância.

Por fim, apresentamos nossos resultados para a variável *combinação de palavras*:

Combinação de palavras	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Funcional + Funcional (<i>que as</i>)	361/467	77,3	0,604

Não-funcional + funcional (<i>tamanho assim</i>)	419/554	75,6	0,523
Não-funcional + não-funcional (<i>janeiro agora</i>)	505/656	77	0,501
Funcional + não-funcional (<i>me ajudava</i>)	476/742	64,2	0,417
Total	1.761/2.419	72,8	

Input: 0,762

Significance = 0,044

Tabela de resultados 9: combinação de palavras e ditongação crescente.

Antes de explorarmos a tabela, lembramos que, em alguns casos, a classificação de palavras funcionais e não-funcionais (ou lexicais) considera o contexto de ocorrência. Por exemplo, o vocábulo *assim* foi marcado como funcional em marcador conversacional (*mundinho assim*) e lexical em advérbios de modo (*sendo assim*).

A combinação de palavras funcionais favorece relativamente a aplicação da ditongação. *qu[ju]ma*, *qu[ja]* e *s[ju]s* são exemplos comuns em que os ditongos ocorreram. Também favorecedor se mostra o contexto *não-funcional + funcional*. A combinação de palavras não-funcionais é neutra em relação ao processo, e a sequência de *funcional + não-funcional* desfavorece a formação de ditongos (V#V), corroborando, de certa forma, os resultados obtidos para o fator *grupo clítico*, que comentamos acima.

Apresentamos juntamente os nossos resultados das variáveis sociais para a ditongação crescente:

Escolaridade	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Secundário	925/1182	78,3	0,565
Primário	836/1237	67,6	0,438
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763

Significance = 0.027

Tabela de resultados 10: escolaridade e ditongação crescente

Idade	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Acima de 50 anos	813/1033	78,7	0,568
Abaixo de 50 anos	948/1386	68,4	0,449

Total	1.761/2.419	72,8	
--------------	--------------------	-------------	--

Input 0.763
Significance = 0.027

Tabela de resultados 11: idade e ditongação crescente

Sexo	Aplicação/total	% de aplicação	Peso relativo
Masculino	837/1121	74,7	0,531
Feminino	924/1298	71,2	0,473
Total	1.761/2.419	72,8	

Input 0.763
Significance = 0.027

Tabela de resultados 12: sexo e ditongação crescente

Os fatores sociais indicam que os homens, os que estão acima de 50 anos e os mais escolarizados tendem a aplicar mais a regra da ditongação crescente como processo de sândi vocálico externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre que uma sequência de duas vogais puder ser evitada, ela será evitada. O que evidencia essa afirmação são os mais de 70% de aplicação da ditongação. Porém, uma sequência de duas vogais não é evitada quando as duas forem tônicas, porque vogais tônicas portam uma informação lexical, o acento; se elas se transformarem em semivogais, não podem mais portar acento. Então, a tendência é que as vogais tônicas não cedam à pressão para tornarem-se semivogais. Quando apenas uma das vogais for tônica, pode ser criado um ditongo crescente (*quando eu*). Em contextos de atonicidade máxima, a ditongação crescente é favorecida.

Concluimos que a ditongação crescente é favorecida quando há uma maior distância entre os acentos envolvidos. Esse fato mostra que a ditongação não apenas funciona como um processo de resolução de hiato, mas também de resolução de estruturas de acento, restabelecendo a alternância rítmica.

Há casos em que o acento prevê uma ocorrência, mas o resultado é outro, como quando se espera que uma vogal acentuada não seja reduzida a semivogal, mas ela é reduzida. Isso pode ocorrer com palavras funcionais, principalmente. Essas palavras podem ser desacentuadas (por exemplo, *porque* ['porki]). Como em nossa análise, essas palavras foram consideradas acentuadas, há aqui uma questão a ser reconsiderada em análises futuras dos dados.

O que se observa é que, em geral, a formação de ditongo crescente parece ser mais favorecida se V1 for labial. Por outro lado, quando tanto V1 quanto V2 forem labiais, a ditongação crescente é pouco favorecida, o que provavelmente se explique porque há outro processo, a degeminação, que tem aplicação preferida neste contexto.

Contrariando as nossas expectativas, o programa selecionou a variável tipo silábico de V2, que se refere à primeira sílaba da segunda palavra, se pesada ou leve. Esperávamos que essa variável não fosse significativa. O que se observa é que sílabas sem coda no início do segundo vocábulo favorecem mais a aplicação do processo do que sílabas com coda. Deixamos, por enquanto, esta constatação, apontando apenas o fato de que não encontra explicação nos pressupostos por nós adotados.

Embora não tivéssemos nenhuma hipótese sobre o papel das variáveis extralinguísticas, elas foram selecionadas. Os homens, os informantes que estão acima de 50 anos e os mais escolarizados tendem a aplicar mais a regra da ditongação crescente como processo de sândi vocálico externo.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado*. Volume V: Convergências. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 55-98.
- BISOL, Leda. A elisão e a degeminação no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 231-250.
- BISOL, Leda. Fonologia Lexical. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4^a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, Leda. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4^a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- HAYES, Bruce The prosodic hierarchy in meter. In: Kyparsky & Youmans (ed.). *Proceedings of the 1984. Stanford Conference on Meter*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1989.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE, Ernesto. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LUDWIG-GAYER, Juliana Escalier. *Os processos de sândi externo: análise variacionista da fala de São Borja*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SIMIONI, Taíse. *A variação entre ditongo crescente e hiato em Porto Alegre (RS)*. Todas as Letras (São Paulo), volume 10, n. 1, p. 130-138, 2008.

SIMIONI, Taíse. *A alternância entre ditongo crescente e hiato em Português: uma análise otimalista*. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VIANNA, Paula. *Sândi vocálico externo: o processo e a variação na cidade de Florianópolis – SC*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

VIGÁRIO, Marina. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, Interface Explorations 6, 2003.